



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: MUSEU DA LOUCURA: O DISCURSO DA CIDADE E SEU SUBÚRBIO

EJE: CIENCIA, TECNOLOGIA Y SOCIEDAD

AUTORES: Helder Rodrigues Pereira

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Presidente Antônio Carlos

CONTACTOS: rodrigueshelder@msn.com

RESUMEN

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma discussão entre as práticas relacionadas ao tratamento da doença mental e as teorias que questionam as instituições totais e o poder que delas emana. Para tanto, utilizamos as discussões estabelecidas nas visitas técnicas ao Museu da Loucura, na cidade de Barbacena, Minas Gerais, Brasil. As discussões seguem um projeto cujos objetivos são, dentre outros, a extensão das aulas de Antropología do curso de Psicología da Universidade Presidente Antônio Carlos para além do espaço universitário, ao passo que se propõem a um diálogo entre a universidade e a comunidade que visita o museu. A base teórica são as considerações de Jacques Derrida que, ao abordar o *mal de arquivo*, expõe, de forma questionadora, a função arcôntica inerente a todo arquivo e estabelece um importante diálogo com a Psicanálise, ao abordar a pulsão de morte anarquívica. Também é abordada a teoria de Sigmund Freud que, nos seus estudos sobre o inconsciente, instaura um saber sobre o sujeito e suas relações com o recalçado, além de Jacques Lacan, com sua teoria discursiva apresentada no *avesso da psicanálise* e que leva em conta o discurso histórico com uma reação ao discurso de mestria, instaurado pelo museu. Criado com o fim de manter a memória da loucura, o Museu da Loucura reúne um acervo que retrata o cotidiano do então Hospital Colônia de Barbacena, cuja inauguração data do ano de 1903. A ascensão do positivismo e suas ciências proporcionou uma elaboração das práticas sociais que, dentre outras, visava a distanciar o louco do espaço social, a fim de submetê-lo a formas de tratamento específicas que foram se configurando, ao longo da história do hospital – que, a seu modo, retrata uma breve história do século XX – como práticas desumanas e destituidoras do lugar da subjetividade. Após denúncias feitas pela imprensa, o Hospital Colônia de Barbacena passou por um período de



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



transformações. Dentre elas, veio a concepção de se preservar a memória de modo a evitar as repetições com a manutenção dos maus tratos sofridos pelos loucos ao longo dessa história da loucura. Entretanto, em função de um certo *discurso de mestria* orquestrado pelo museu, há a iminente necessidade de histericizá-lo, apontando para suas faltas que se concretizam em uma certa cristalização da celebração da memória. A cidade, por sua vez, conserva-se distante do museu. As visitas, não raro, limitam-se a tecer comentários emotivos em torno das memórias da loucura, mantendo-as em um certo local idealizado. As aulas de Antropología no Museu da Loucura de Barbacena visam a captar os visitantes nas discussões do documentário que é exibido ao final da visita (*Em nome da razão*, de Helvécio Rattón), procurando questionar quaisquer práticas que se fundam à revelia da subjetividade.

OS ARCONTES DA HISTÓRIA

O sentido do arquivo está ligado ao princípio organizador (ἀρχή), ao comando. Este princípio arquivístico demonstra igualmente uma pulsão de morte, pois não se trata absolutamente de organizar e demonstrar. Antes: trata-se de exercer uma autoridade pelo princípio nomológico. Segundo Derrida (2001), compreendemos que a palavra arquivo relaciona-se ao grego *arkheîon*, que podia designar uma casa, um domicílio em princípio e, posteriormente, a residência de um magistrado superior: o arconte – aquele que comandava. Dada sua fé pública, os arcontes podiam deter em suas casas os documentos oficiais, dos quais eles foram os primeiros guardiões: “não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticas. Tinha o poder de *interpretar* os arquivos” (DERRIDA, 2001, p.12-13). O arquivo encontra-se, desta forma, com sua existência sujeita a um poder que lhe concede a existência como tal. Não fosse por este poder, o arquivo não existiria e, por conseguinte, não obteria um respeito que, acreditava-se, era-lhe inerente. O poder arcôntico seria aquele capaz de transformar documentos em arquivo, unificando-os, identificando-os, classificando-os e recalçando-os sob a determinação de seu poder hermenêutico.

Se há o princípio organizador – arcôntico – no ato de arquivar, e se este princípio é unificador, há também uma pulsão de morte contrária ao arquivamento. Seu papel é o apagamento dos sentidos para que eles não sobrevivam e não apareçam sob quaisquer



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



condições – tal é o seu papel perverso de combater o arquivado e desestabilizar os sentidos organizados pela função arcôntica:

Ela [a pulsão de morte] trabalha para *destruir o arquivo: com a condição de apagar* mas também *com vistas a apagar* seus “próprios” traços – que já não podem desde então serem chamados “próprios”. Ela devora seu arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido externamente. Esta pulsão, portanto, parece não apenas anárquica, anarcôntica (...): a pulsão de morte é, acima de tudo, *anarquívica*, poderíamos dizer, *arquiviolítica*. Sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo (DERRIDA, 2001, p.21).

Se as práticas excludentes abundam, vez por outra a história revela um pedido de perdão. Uma tentativa de reconciliação com o outro: afastado e mantido à distância, mas constantemente excitado por este afastamento, sintomático, corpo estranho que se insinua no estado normal. O afastado, recalçado, expulso, por suas constantes tentativas de penetrar o conjunto harmônico, provoca ira. Uma das formas de aplacá-la é a apelação pela reconciliação. É preciso que um moderador situe-se às margens entre o permitido e o recalçado, para que intermedie o seu retorno ao convívio com os bem vindos. Do contrário, ele penetra disfarçado e, à guisa de sintoma, informa o quanto a noção de conjunção perfeita é falha. Trata-se “do aparecimento de um desejo violento¹ mas em contraste com os demais desejos (...) e incompatível com as aspirações morais e estéticas” (FREUD, [1910] 1976, p.25). Ao perceber que a retenção do desejo violento é por demais trabalhosa e inútil; constatando ainda que suas intromissões são causadoras de neuroses, há que se resolver o conflito a partir da instauração de uma política de convivência que possa conciliar o desejo violento e os princípios morais do sujeito. No cotidiano, teme-se a destruição do caráter civilizado pelos impulsos libertados da repressão [recalque] – por isto, não podem as sentinelas fracassarem em sua tarefa de guardar a ordem pois, em princípio, a repressão [recalque] evita o desprazer causado pela presença do mesmo desejo. O papel do

¹ Freud, nas Cinco Lições de Psicanálise (1910), classifica o *desejo violento* como um desejo inconsciente que, desconhecido do ego, é por ele reprimido por não condizer com seus princípios éticos e estéticos, além de conflitarem com sua própria personalidade. Esse desejo é, no entanto, inerente à subjetividade. As tentativas do aparelho psíquico em reprimi-lo são fracassadas pois *espreitam* quaisquer sinais de fragilidade das ações repressivas para adentrarem a *harmonia do ego*. Uma vez *no interior*, esse desejo causa incômodo, visto por Freud como ansiedade, por exemplo. A ação defensiva do ego desencadeia suas defesas a fim de novamente expulsar o desejo incômodo, ansiogênico, que se presentificara no *sintoma*. Os Estudos sobre a Histeria estabelecidos por Breuer e Freud ([1893] 1976, p.65), apresentam os sintomas de *Fraülein Anna O.*: “Ninguém, talvez nem mesmo a própria paciente, sabia o que lhe estava acontecendo; mas finalmente o estado de debilidade, anemia e aversão pelos alimentos se agravou de tal forma que para seu grande pesar, não lhe permitiram mais que continuasse a cuidar do paciente [o pai].”



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



mediador seria trazer soluções possíveis ao conflito causado pela repressão [recalque]. Uma das soluções apontadas por Freud ([1910] 1976) seria a personalidade se convencer de que repelira sem razão o desejo e consentir em aceitá-lo total ou parcialmente.

Na obra de 1933 (“Por que a guerra?”), podemos ler na correspondência enviada a Albert Einstein² que Freud considera a sociedade como uma instituição mantida unida pela força coercitiva da violência e pelos vínculos emocionais, argumentando que a satisfação dos impulsos destrutivos pode ser facilitada pela junção com outros, de natureza erótica e idealista (FREUD, [1933] 1976). Eis como considera:

De acordo com nossa hipótese, os instintos [pulsões] humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos ‘eróticos’, exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra ‘Eros’ em seu *Symposium*, ou ‘sexuais’, com uma deliberada ampliação da concepção popular de ‘sexualidade’ –; e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto [pulsão] agressivo ou destrutivo. [...] Nenhum desses dois instintos [pulsões] é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambos (FREUD, [1933] 1976, p.252).

Na *correspondência*, Freud concorda com Einstein de que a violência poderia ser vencida pela união e que esta união deveria ser estável e duradoura, embora considere que qualquer estado de equilíbrio na sociedade só é concebível teoricamente. Na realidade, como a sociedade é formada por forças desiguais, o que observa é a constante imposição de umas sobre as outras e, em consequência disto, há o permanente conflito: entre homens e mulheres, vencedores e vencidos, senhores e escravos, civilizados e bárbaros, urbanos e suburbanos, racionais e irracionais, loucos e normais. Entretanto, se o desejo de aderir a uma contenda é um efeito da pulsão destrutiva (Thanatos), a melhor recomendação seria contrapor-lhe o seu antagonista (Eros). Mas isto é pouco praticado: de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas do homem. Uma instituição política internacional seria uma saída para tentar resolver, no âmbito das ideias, o que se resolveria violentamente, pela instauração da guerra, afinal,

reagimos à guerra (...), porque toda pessoa tem o direito à sua própria vida, porque a guerra põe um término a vidas plenas de esperanças, porque

² Foram incentivadas trocas de correspondências entre intelectuais de renome a fim de estabelecerem um debate sobre assuntos de interesse à Liga das Nações e à vida intelectual. O incentivo, em 1931, partiu do Comitê Permanente para a Literatura e as Artes da Liga das Nações, por instrução ao Instituto Internacional para Cooperação Intelectual.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



conduz os homens individualmente a situações humilhantes, porque os compele, contra a sua vontade, a matar outros homens e porque destrói objetos materiais preciosos, produzidos pelo trabalho da humanidade (FREUD [1933] 1976, p.257).

Reconciliar se apresenta, pois, como uma disposição favorável; como ação possível de se restabelecer a civilização. Entretanto, na obra de 1930 (“O mal estar na civilização”), Freud já afirmara que há uma tendência a isolar o ego de tudo o que pode ser fonte de desprazer, lançando-a para fora a fim de criar um puro ego em busca de prazer, mas que sofre, no entanto, o constante confronto de um *exterior* expulso, portador de uma incômoda *familiaridade estranha* e ameaçadora. O esquecimento é apontado, na verdade, como um engano, uma vez que nada do que se formou pode perecer definitivamente e, pelo contrário, permanece, de alguma forma, preservado, a fim de se manifestar em tempo oportuno. No aspecto urbano, os museus são uma lembrança, à moda racional, daquilo que não foi esquecido e que permanece no subsolo da cidade e que pode irromper a qualquer momento, portando uma verdade específica que motivara seu apagamento.

Ciente de sua postura racional excludente, vez por outra, a história apresenta um pedido de perdão. Uma maneira de fazer mediação entre o recalcado e aquele estado de coisas dito normal. O pedido de perdão deixa entrever uma passagem para o outro, abrindo-lhe espaço na comunhão e, de certa forma, acolhendo-o no interior de suas práticas institucionais (o museu é a tentativa de uma reconciliação, um pedido de perdão pelo qual a cidade atualiza sua má-consciência – *mea culpa*). Do ponto de vista urbano, forçoso é considerar que as instituições funcionam como os aspectos simbólicos das cidades. Assim, ao afirmar que a cidade é xenófoba, afirma-se que as instituições é que realizam este comportamento ao tentar estabelecer normas válidas para o funcionamento dos relacionamentos mais íntimos, como os familiares. A religião exclui os recalcitrantes. Também assim o fazem as leis, o Estado.

Concessões do poder, os pedidos de perdão evocam uma certa superioridade daqueles que o fazem, pois teriam reconhecido, afinal, o mal uso da autoridade e acabam por simular condições para que os excluídos pensem poder transitar novamente nos anais da história. Em 2009, quando Ségolène Royal, membro do Partido Socialista Francês, pediu perdão aos africanos pelo discurso proferido em 2007 por Nicolas Sarkozy, demonstrava o erro de alguns líderes que querem manter o povo às margens da história: “Veio alguém até vocês



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



para dizer que ‘o homem africano jamais entrou para a história’. Perdão, perdão por essas palavras humilhantes que jamais deveriam ter sido pronunciadas e – eu confidencio – que não dizem respeito à opinião nem da França e nem dos franceses”³ (LE MONDE, 2009). Segundo o jornal, Sarkozy havia suscitado “uma viva emoção” em 2007, ao se dirigir aos habitantes de Dakar, na África subsaariana⁴, afirmando que o maior drama do homem africano é sua ausência na história. Em oposição – não apenas discursiva, mas notadamente política – Royal fez um eloquente pedido de perdão: “você fizeram a história e continuam a fazê-la. Fizeram-na antes da colonização, durante e depois. E é com vocês que devemos construir nosso futuro”⁵ (LE MONDE, 2009), e continuou: “Há palavras que o povo francês deve ao povo senegalês e a todos os povos africanos: perdão pelo passado, obrigado pelo passado”⁶ (LE MONDE, 2009).

Percebemos uma abertura para a possibilidade de transição entre o que andara reprimido, como a dizer que sua admissão na convivência pode não ser tão ameaçadora como discursos anteriores sustentaram. Não estar no seio da História é uma forma de afastamento do outro cuja localização possível seria unicamente a da inferioridade. Entretanto, quando a líder política pede perdão, ela não se coloca em situação de humildade mas, antes, na superioridade de alguém que concede ao outro um direito que, como diria Freud, traz em seu bojo um sentido ideal, mais do que real. Pudesse a força das ideias suplantar as da realidade e o pedido de perdão teria um valor indispensável para o progresso dos povos. Entretanto, os concedentes não fizeram mais que chamar a si mesmos um elevado nível de respeitabilidade em função do reconhecimento dos erros de outros e que, por suas funções atuais, chamam-nos a si mesmos, quais arcontes de novas eras, capazes de imprimir sentidos novos em palavras antigas.

³ “*Quelqu'un est venu ici vous dire que 'l'Homme africain n'est pas entré dans l'histoire'. Pardon, pardon pour ces paroles humiliantes et qui n'auraient jamais dû être prononcées et – je vous le dis en confidence – qui n'engagent ni la France, ni les Français.*”

⁴ Subsaariana: abaixo do deserto do Saara. Trata-se de uma referência à localização geográfica mas que, no discurso do jornal, reveste-se de uma postura cada vez mais excludente da população de Dakar (Senegal): ocupar um lugar *abaixo do deserto*, ser *inferior ao árido*. Também chamada de África Negra, os países localizados na região são: Congo, República Centro-Africana, Ruanda, Burundi, África Oriental, Quênia, Tanzânia, Uganda, Djibouti, Eritreia, Etiópia, Somália, Sudão, África Ocidental, Benin, Burkina Faso, Camarão, Chade, Cote d'Ivoire (Costa do Marfim), Guiné Equatorial, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné Bissau, Libéria, Mauritânia, Mali, Niger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

⁵ “*(...) vous avez fait l'histoire et vous continuez à la faire et vous l'avez faite vien avant la colonisation, pendant, avant et depuis. Et c'est avec vous, que nous devons construire notre avenir.*”

⁶ “*Il y a des mots que le peuple français doit au peuple sénégalais et à tou les peuples africains : pardon pour le passé, merci pour le passé.*”



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Mas não nos descuidemos da força das palavras e dos seus efeitos discursivos. Não nos esqueçamos que o outro não se porta como alguém que aguarda pedidos de perdão das autoridades. Podemos mesmo afirmar que a concessão advinda desses pedidos já é uma constatação da imposição sintomática do outro que investe seus valores no âmbito segregador da superioridade política. Ora, diante da ameaça do outro, há que se estabelecer com ele uma troca razoável, institucionalizando as aberturas nas muralhas, a fim de que sua entrada inevitável deixe de ser tão ameaçadora e o espaço urbano perceba-se como uma formação dada a partir do transbordamento do subúrbio que lhe adentra.

FORMAS DE NEGOCIAÇÕES DO SUBÚRBIO COM O CENTRO URBANO

As margens urbanas não pertencem ao subúrbio. Tampouco o são da cidade. As margens são locais de trocas, espaço reservado, *sagrado*. Os museus são metáforas das margens. Não há uma posse reconhecida das muralhas. As autoridades as estabeleceram e as fizeram erigir. Mas, estando já erguidas, elas iniciam sua tarefa de suportar um lado e o outro. As margens se erguem como o espaço onde ambas as partes inserem suas impressões: a de dentro, sobre a cidade e a de fora, sobre o subúrbio. Não raro, o contrário também é possível: nas muralhas, o urbano traça suas impressões sobre o subúrbio e o suburbano inscreve suas impressões da *urbe*. O Museu da Loucura é um lugar de concessão para os marginais. Lugares de trocas, monumentos à negociação, os museus-muralhas supõem a existência do outro, cuja presença evocava uma transgressão à razão. O discurso racional é um discurso que formaliza a ordem e faz com que ela produza um sentido passível de ser aplicado a todos, qual imperativo kantiano⁷. O discurso da razão se propõe a rechaçar o do senso comum, instaurando uma ordem capaz de dar sentido ao conjunto humano sob determinada perspectiva. Esta ordem, contudo, encontra seus contestadores: os fora-da-razão. Transgredir, todavia, é vincular-se a um outro princípio possível, denunciando a própria razão como imposição monstruosa de um Leviatã impiedoso. Entretanto, a transgressão faz com que o sujeito se apegue a algo que não lhe dá bem-estar, vinculando-o a um gozo que lhe faz sofrer. Por isto, não se transgredir

⁷ "IMPERATIVO: (in. Imperative, fr. Impératif, al. Imperativ, it. Imperativo). Termo criado por Kant, talvez por analogia com o termo bíblico 'mandamento', para indicar a fórmula que expressa uma norma da razão. Kant diz: 'A representação de um princípio objetivo, porquanto coage a vontade, denomina-se comando da razão, e a fórmula do comando denomina-se imperativo.'" (ABBAGNANO, 1998, p.545).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



impunemente. A estar fora do Édipo, é preferível submeter-se ao Nome-do-Pai como instaurador de uma ordem intrinsecamente proibitiva. O sujeito se funda a partir da inserção na ordem, ainda que para isto se conforme como um não-sujeito, como um a-sujeito, como um assujeitado.

A linguagem não apenas assujeita o outro. O homem que fala demonstra o seu próprio assujeitamento a uma ordem que o institui. A inscrição da letra, a palavra escrita é uma forma de fixar algo na superfície do papel. É a demonstração de um desejo de que algo se solidifique e se mantenha como sinal inequívoco da cultura. Entretanto, a instabilidade é a marca da linguagem. Não se pode fixar conceitos. Os verbetes não fazem mais que localizar sentidos em pessoas e épocas. O universo da escrita é instigante pela sua vontade de produzir sentidos mas, uma vez escrito, o sentido começa a se esvaír. De fato, não fazemos mais que colocar nossa própria interpretação nas inscrições deixadas nas páginas, nos documentos históricos. O que fala, o sujeito do discurso é também alteridade e traz em si as marcas do outro. Se o discurso é o lugar onde o poder se exerce, ele é também lugar de resistência – uma resistência que se encontra dissimulada no próprio mecanismo do poder, na própria organização na qual o discurso se realiza. A alteridade é condição indispensável para a construção do sujeito e é o seu que discurso permite o aparecimento desta alteridade. Dos arquivos, retiramos monumentos⁸. Trazemos de volta suas vozes a fim de compreendermos as nossas próprias, ainda que tenhamos claro que qualquer tentativa de presentificar o passado traz em si uma violência da interpretação. Mas, sabemos, transitar por Babel é perder-se na confusão das línguas, é enveredar-se por becos tortuosos que não conduzem a saídas, é imbricar-se no descontrole cultural. Babel rememora a proibição do pai (o Não-do-Pai [*Non-du-Père*]) para quaisquer tentativas de reaver o paraíso perdido. A torre, capaz de inscrever na terra (χάος) a ordem do céu (κόσμος), a ser reduzida a escombros pela confusão das línguas, demonstra o poder do pai, mas demonstra também a capacidade dos sujeitos em traçar eles próprios os significados que ficaram por escrever, a promover os sentidos que permaneceram suspensos. Por isto, as tentativas de interpretação aliam-se à resistência contra o pai poderoso, soberano, que impõe sua lei e subjuga os habitantes de Babel. De maneira análoga, em nome de um saber científico, os discursos constituem regras e estabelecem fronteiras a fim de excluir o diferente, o disperso e o inefável (CORACINI, 2007). A verdade do outro permaneceu por

⁸ Sobre as considerações sobre o documento e o monumento, mister é verificar a obra de Le Goff (1988): *História e memória*



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



muito tempo submetida às interpretações vindas do centro racional e ordenador. No entanto, quando as margens falam, elas falam de si, mas com uma importante reverberação daqueles que delas emitem observações e comentários. Segundo Coracini (2007, p.59)

a psicanálise nos lembra que é preciso esquecer, matar o pai que simboliza a lei, a regra, a moral, a tradição, ultrapassá-lo, se possível, para que, internalizado, ele sobreviva para sempre. É na medida em que se internaliza um traço que ele se faz corpo no corpo do sujeito, que ele se faz presente, imperceptível, mas real, no real do inconsciente, permitindo identificações.

O discurso marginal concedido sob a função arcôntica do museu demonstra esta ação de subverter a ordem vigente do discurso da razão. Não obstante ter a ordem discursiva estabelecido um veredicto, o discurso marginal, ainda que autorizado, inaugura um novo sentido. É em nome da mesma regra questionada que o discurso das margens se coloca no centro e nele enraíza. Entretanto, o discurso marginal é faltoso, sua falta-a-ser é evidente. Ele não ocupa lugar de destaque no conjunto da ordem, mas penetra com lentidão a partir dos vãos encontrados no discurso oficial. Discurso que ele sublinha a fim de fazer-lhe uma reinterpretação. Deseja o discurso da margem preencher sua falta, mas o discurso oficial também o deseja e permite que se complemente continuamente, pois não há discurso capaz de conter em seus limites toda a significação possível.

Há, pelo menos, duas questões que se aproximam: o recalque inconsciente do desejo e o assujeitamento ideológico na linguagem. Como sabemos, o recalcado retorna sempre que encontra ocasiões propícias para este retorno. Da mesma forma, o sentido que fora excluído do contexto retorna sub-repticiamente, logo que encontra frestas capazes de sustentá-lo. É assim que os olhares percorrem o museu e, afirmamos, também na cidade. Ao tomarmos as modalidades argumentativas, por exemplo, observamos uma estrutura de troca agônica na qual dois adversários medem suas forças, com a finalidade de obter a adesão de um terceiro para as teses que defendem (AMOSSY, 2008). As modalidades argumentativas se classificam de acordo com a forma como se organizam e os fins a que se destinam.

O discurso racional é, tomado em sua totalidade, um ato argumentativo. Discursar é, pois, um ato de argumentar – as considerações são de Osakabe (2002) que, ao tratar das condições de produção e organização argumentativa, oferece um importante ponto de apoio



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



para as discussões que estabelecemos: todo argumento se funda em condições específicas nas quais ele se faz possível e, a partir de uma organização, tornam-se os argumentos atos argumentativos. No discurso racional, o ato de argumentar se funda em três atos distintos mas que estão relacionados entre si de forma inextrincável. As margens conseguem, finalmente, o engajamento da cidade à sua tese, conferindo ao outro estranho um lugar familiar. “Enquanto ato de argumentar, o discurso é de responsabilidade [do] sujeito e é nele que se afirma. (...) O sujeito é praticamente absoluto e configura-se praticamente solitário, não só no exercício da palavra como também no exercício da sua função” (OSAKABE, 2002, p.139). Todavia, esta supervalorização do sujeito encontra-se limitada pelas condições de produção que o rodeiam. Estas condições fazem com que ele se sujeite a um consenso de noções válidas.

O ESTRANGEIRO DIANTE DA ESFINGE

A norma racional tem como função controlar as condutas e os comportamentos, cujo objetivo é a harmonia, a paz social e o bem estar das cidades. Fagundes (2001) considera que, para atingir os fins propostos, a norma se propõe a controlar o que se encontra a ela submetido. Não é fortuito: como mecanismo de poder, a instituição da justiça é arquitetada justamente para que a lei seja a marca indelével da soberania, à qual todos, sem distinção, devem estar submetidos. Ora, alcançar com êxito tal objetivo não é tarefa simples. Afinal, organizar uma instância pelo discurso de forma a fazê-la superior encontra suas implicaturas no cotidiano e a palavra passa a ser ensinada, como instrumento na técnica da retórica, pela qual o outro deve ser convencido acerca de uma verdade que se quer provar. Todo controle é orientado por um modelo de sociedade (FAGUNDES, 2001). Esse modelo conduz à norma e faz dela uma imagem daquilo que a instituiu. A norma é, pois, o lugar do embate das palavras, a arena onde elas se digladiam a fim de produzirem sentidos. Revestem-se de eloquência, a fim de persuadir o outro a aderir à vontade do que fala, proporcionando um direcionamento tal que leve a uma conclusão almejada. No museu há um embate entre o sujeito e o outro. Entendamos o sujeito como aquele que argumenta e, o outro, como o que *ouve*. Entendamos também o sujeito como o lugar da ordem e, o outro, como o lugar da desordem: o indesejado (mas os lugares são intercambiáveis). No museu, como nas ruas, este embate é evidente (do contrário, não haveria cidades).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Podemos dizer que não reina uma paz tranquila entre o sujeito e a norma. A lei deve ser transgredida, o pai deve ser morto. Todo homem traz em si a capacidade de ser o seu contrário, toda regra é, immanentemente, uma possibilidade de transgressão. Édipo aparece como o protótipo mítico desta realidade. Os limites entre o sublime e o abjeto são por demais tênues, talvez por isto as sociedades são exímias organizações excludentes, cuja função é inviabilizar a circulação do repugnante, vinculando-se à busca do ideal sublime. Metamorfosear se torna, não raro, a única forma de aceder ao sublime, em detrimento das abjeções.

A exclusão é que, paradoxalmente, viabiliza toda uma circulação. O discurso da ordem sustenta-se daquilo que a sociedade lhe fornece continuamente: desvios, margens, anormalidades. Com relação a isto, por sua vez, não cessaram os perversos da história de fornecer demonstrações acerca de um lado obscuro do ser humano que se manifesta diante de uma lei ou norma, a fim de denotar uma transgressão qualquer. A interdição é, pois, condição indispensável para a perversão. Segundo Roudinesco (2008, p.12)

E é efetivamente porque a perversão é desejável, como o crime, o incesto e o excesso, que foi preciso designá-la não apenas como uma transgressão ou anomalia, mas também como um discurso noturno em que sempre se enunciaria, no ódio de si ou na fascinação pela morte, a grande maldição do gozo ilimitado.

Tomemo-la, destarte, como *discurso noturno*, pronto a dizer aquilo que é desejado ao mesmo tempo em que é proibido. As perversões apenas são toleradas pela cidade quando se revestem de um sentido sublime, capaz de elevar o espírito a partir das práticas nada convencionais. O percurso perverso para um ideal sublime é demonstrado por Roudinesco (2008) na vida dos santos que, dadas as condições cristãs de negação do próprio corpo e de valorização dos sacrifícios de expiação – condições possibilitadas pelo cristianismo, talvez por ser a única religião em que Deus assumiu a forma de um corpo humano a fim de viver, padecer e morrer como vítima – denotam o ideal sublime no castigo do corpo:

Marguerite-Marie Alacoque dizia-se tão susceptível que a visão da menor impureza sobressaltava-lhe o coração. Porém, quando Jesus chamou-a à ordem, ela só conseguiu limpar o vômito de uma doente transformando-o em sua comida. Mais tarde, sorveu as matérias fecais de uma disenteria declarando que aquele contato bucal suscitava nela uma visão de Cristo mantendo-a com a boca colada em sua chaga (ROUDINESCO, 2008, p.25).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



A religiosa, que viveu no século XVII, é conhecida pelos seus grandes êxtases místicos, ocorridos no convento de Paray-le-Monial, na França. Demonstra o caráter sublime de uma perversão institucionalizada que fazia mitigar o próprio corpo, demonstrando-o frágil e desprezível frente à busca da perfeição⁹. Esta busca serve apenas como sustentação ideológica para um *desvío*. A norma, por sua vez, se vê suplantada pela perversão que, como lado obscuro, aparece no meio da ordem. Em seu aspecto sublime, os perversos são admirados e venerados como santos. Entretanto, quando demonstram o lado abjeto, são rechaçados e fazem a cidade demonstrar sua repulsa, o que, invariavelmente, não lhe é assim tarefa tão odiosa. A obra de Roudinesco (2008) incita-nos a uma reflexão acerca deste outro que nos incomoda e, de alguma forma, ela evoca este outro familiar que se configura por *nós mesmos*. A parte obscura da cidade é nossa própria; o outro que nos ameaça somos nós, a interdição é desejada e, por isto mesmo, proibida. Quando penetra o interdito e provoca uma reação dos sentidos, ele é mal visto e, ao mesmo tempo, querido.

No texto de 1919: “o ‘estranho’” (*Das Unheimliche*), Freud apresenta uma discussão acerca do sentido duplo do que é estranho e, ao mesmo tempo familiar. Algo que é secretamente familiar, que foi banido, reprimido e voltou posteriormente. Ocorre uma experiência estranha quando os complexos infantis reprimidos (expulsos) voltam à vida por meio de alguma lembrança ou impressão. O mesmo ocorre com relação a crenças primitivas já superadas que parecem confirmar-se uma vez mais quando da ocorrência de algum fato de forte comoção social. Este retorno do que havia sido reprimido reveste-se de uma roupagem de total estranheza, denotando mesmo um desamparo de quem quer que viva uma situação semelhante. A ideia do *duplo* (estranho-familiar) está presente em várias ocasiões da

⁹ “Après, il me demanda mon coeur, lequel je le suppliai de prendre, ce qu’il fit, et le mit dans le sien adorable, dans lequel il me le fit voir comme un petit atome, qui se consummait dans cette ardente fournaise, d’où le retirant comme une flamme ardente en forme de coeur, il [le] remit dans le lieu où il l’avait pris, en me disant : — Voilà, ma bien-aimée, un précieux gage de mon amour, qui renferme dans ton côté une petite étincelle de ses plais vives flammes, pour te servir de coeur et te consommer jusqu’au dernier moment, et dont l’ardeur ne s’éteindra, ni ne pourra trouver de rafraîchissement que quelque peu dans la saignée, dont je marquerai tellement le sang de ma croix, qu’elle t’apportera plus d’humiliation et de souffrance que de soulagement. C’est pourquoi je veux que tu la demandes simplement, tant pour pratiquer ce qui vous est ordonné que pour te donner la consolation de répandre ton sang sur la croix des humiliations. Et pour marque que la grande grâce que je te viens de faire n’est point une imagination, et qu’elle est le fondement de toutes celles que j’ai encore à te faire, quoique j’aie refermé la plaie de ton côté, la douleur t’en restera pour toujours ; et si, jusqu’à présent, tu n’as pris que le nom de mon esclave, je te donne celui de la disciple bien-aimée de mon sacré Coeur” (L’ORDRE de La Visitation de Sainte-Marie, 1923).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



história humana. A concepção de uma alma imortal é um dos mais marcantes exemplos da existência de um *duplo*, que pode transformar-se em algo ameaçador quando assume uma função monstruosa e destruidora do ego. O *estranho desejo do perverso* é familiar no sublime, mas repugnante no abjeto¹⁰, suscitando uma pergunta: o mal provém do homem ou da cultura? O que é estranho é assustador justamente por não ser conhecido. No entanto, quando se revela *desconcertantemente familiar*, o estranho pede para ser ouvido e demanda uma atenção irrefutável para a compreensão do próprio homem e de seus processos psíquicos. Freud introduziu no psiquismo uma complexa constatação, segundo a qual todo homem seria habitado pelo crime, pela transgressão, pela loucura, pela paixão, pelo desvario (ROUDINESCO, 2008). Entretanto, nenhum homem pode estar determinado por um destino prévio que o torne inapto a superar-se a si mesmo – tudo depende do que cada indivíduo fará com a perversão que traz em si: rebelião, superação, sublimação, crime, autodestruição. O estranho temido é também o estrangeiro (ξένος), o irracional, cuja presença ou irrupção são capazes de trazer mal estar e desestabilização no conjunto organizado. Ele é temido, mas revela uma parte de nossa própria personalidade e de nossa cultura.

É possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma 'compulsão à repetição', procedente dos impulsos instintuais [pulsionais] e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos [pulsões] – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima 'compulsão à repetição' é percebido como estranho (FREUD, [1919] 1976, p.297-298).

A compulsão à repetição, como sabemos, liga-se à pulsão de morte. A perversão é reportada por Freud a uma característica antropológica.

Nas neuroses, o que se observa é o mecanismo da repressão [recalque], pelo qual um impulso pulsional encontra resistências a fim de que se torne inoperante. Tal é a essência

¹⁰ Roudinesco (2008, p.37) relata, dentre outros, o caso da perversão de Gilles de Rais, embrenhado no crime: "Cercado por serviçais, que eram seus fornecedores, seqüestrava crianças das famílias camponesas e lhes impunha as piores sevícias. Retalhava os corpos, arrancava os órgãos, corações sobretudo, dando-se ao trabalho de sodomizá-las na hora de sua agonia. Frequentemente, tomado pelo furor, usava seu membro ereto para esfregá-lo contra as vísceras dilaceradas."



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



da repressão [recalque]: afastar algo do consciente, mantendo-o à distância, como a defender o ego de suas inclinações conflitivas. Na obra de 1915 (“Repressão”), Freud assinala as bases deste mecanismo, notadamente inerente aos processos de formação das neuroses, dividindo-o em duas fases: a repressão [recalque] primeva e a repressão [recalque] propriamente dita. A primeira “consiste em negar a entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto [pulsão]” (FREUD, [1915] 1976, p.171) e a segunda afeta os derivados mentais do representante reprimido, associando-o a ideias que são igualmente reprimidas, pois que guardam alguma relação com o que fora reprimido. Não é fortuito: na fase primeva é estabelecida uma fixação a partir da qual o representante do reprimido permanece inalterado no inconsciente. Portanto, aquilo que foi reprimido liga-se a tudo o que possa estabelecer uma conexão com ele, dando sinais de sua existência. A luta contra ele é inútil. Não há, segundo Freud, disposições do ego capazes de neutralizá-lo. É ao próprio sujeito do inconsciente que ele se refere e esta é a subjetividade que importa na compreensão do homem e seus caminhos pela cultura¹¹. O reprimido, por seu caráter pulsional, não permanece inativo: “Ele prolifera no escuro, por assim dizer, e assume formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas ao neurótico irão não só lhe parecer estranhas, mas também assustá-lo, mostrando-lhe o quadro de uma extraordinária e perigosa força do instinto [pulsão]” (FREUD, [1915] 1976, p.172).

O mecanismo da repressão [recalque] exige um constante dispêndio de energia: sentinelas são necessárias para fazer com que o êxito da repressão [recalque] não corra perigo. Mas, há frestas. Tal como as muralhas urbanas que tentam conter o subúrbio que lhe causa, os mecanismos de defesa do ego não podem suspeitar todo o tempo dos disfarces utilizados. Com isto, por considerar *estranho* a si o que lhe é constitutivo, o ego sofre com o convívio das fantasias sexuais reprimidas. O neurótico campo urbano trava suas batalhas contra os desejos do subúrbio e acaba por reconhecer a ineficácia de suas muralhas, ainda que contidas por sentinelas ou esfinges. Há os caminhos indiretos que permitem os simulacros estabelecerem uma relação metonímica e colocar-se no seio da disciplina

O reprimido é intolerável para o ego e, portanto, o discurso racional funciona como um mecanismo capaz de conter os sentidos que importam para a história da loucura. Esta é uma das vicissitudes da pulsão reprimida: aparecer como um afeto que é qualitativamente

¹¹ Em oposição à subjetividade cartesiana, ligada à certeza do *cogito* a partir da dúvida metódica, Lacan anunciara a máxima da subjetividade freudiana, destituidora da razão: “Sou onde não penso; penso onde não sou”.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



colorido ou mesmo como uma ansiedade, gerando um estado agônico de embate entre as forças que se querem manter como heróicas e verdadeiras. Os monumentos são sinais da rememoração. Os documentos igualmente o são. Alguns teriam tanta capacidade de desestruturação do ego urbano que são mantidas sob acirrada vigilância e repressão [recalque], até que um governo mais democrático e, surpreendentemente, mais ousado possa permitir que eles cruzem a soleira da porta de entrada¹². O propósito da repressão [recalque] é a expulsão do agente causador do desprazer. Se a repressão [recalque] não for capaz de contê-lo, podemos afirmar que ela falhou. Esta é a repressão [recalque] que interessa aos processos psicanalíticos, pois é ela que permite uma presença como sinal daquilo que permanece. A repressão [recalque] bem sucedida, com certeza, não permite a entrada de afetos. “A repressão [recalque] deixa sintomas em seu rastro” (FREUD, [1915] 1976, p.177).

SUBÚRBIO, TRANSGRESSÃO E O LUGAR DA PALAVRA INTERDITADA

Ao tratar os neuróticos, o trabalho psicanalítico não se dirige para o caráter do paciente. Antes, procura compreender como se organizam os sintomas para daí empreender uma trajetória terapêutica que esteja vinculada à história do paciente. No entanto, ao serem conduzidos a avançar do princípio do prazer para o princípio da realidade – percurso indispensável para que o indivíduo avance da vida infantil para a vida adulta – alguns pacientes se recusam a fazê-lo. “Dizem que já renunciaram bastante e que já sofreram bastante e têm direito de serem poupados de quaisquer outras exigências; não se submeterão a qualquer necessidade desagradável, pois são exceções e, além disso, pretendem continuar assim” (FREUD [1916] 1976, p.353). Ser exceção é uma forma de reivindicar privilégios capazes de colocar o indivíduo em situação privilegiada com relação

¹² Governos tendem a reprimir os símbolos que os podem destruir, talvez por sua força e capacidade de evocar um passado inglório. No Brasil, documentos sobre os chamados *anos de chumbo* permanecem ocultos. Discussões, no entanto, vêm sendo empenhadas a fim de resgatar esta memória. Previsto para ser inaugurado em 2012, em Belo Horizonte, o Memorial da Anistia reunirá arquivos do período da ditadura no Brasil. O convênio foi firmado pelo Ministério da Justiça com a Universidade Federal de Minas Gerais, a Prefeitura de Belo Horizonte e o Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. Segundo o presidente da Comissão de Anistia, Paulo Abrão, “O Memorial da Anistia tem uma tripla dimensão. Será um espaço de reparação, de memória e consciência. De reparação, porque será um sítio público para homenagear os que lutaram, por si só, constitui em um ato de reparação oficial do Estado. Ao mesmo tempo, é um espaço de memória porque temos a perspectiva de deixar assentado um espaço que registre a época do autoritarismo. Mas também um espaço de consciência para que, a partir da inauguração do memorial, ele possa se tornar um centro de formação em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos para a juventude” (AGÊNCIA BRASIL, 2011).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



aos demais, dados seus sofrimentos atuais ou anteriores, considerando os mesmos como sendo vítimas de uma desvantagem injusta imposta a eles. Em um dos pacientes, uma mulher

a atitude para com a vida, ora objeto de meu exame, chegou ao máximo quando ela soube que uma perturbação dolorosa, de ordem orgânica, que a havia impedido de alcançar seus objetivos na vida, era de origem congênita. Enquanto considerou este mal como uma aquisição accidental ou tardia, suportou-o pacientemente; tão logo, porém, verificou ser ele parte de uma herança inata, tornou-se rebelde (FREUD, [1916] 1976, p.353).

Cabe notar que Freud refere-se aos neuróticos e não aos perversos. Importante fazer esta notação, haja vista que o mecanismo psíquico na perversão opera de modo diverso ao da neurose. Os exemplos de perversão foram utilizados como a fazer uma analogia com as cidades a partir de uma parte obscura na constituição humana. Do ponto de vista da neurose, não podemos nos referir a uma *obscuridade*, mas a uma repressão [recalque] de afetos conflituosos que causam sofrimento ao paciente. Ao tratar das exceções, Freud demonstra exatamente o lugar de vítima para onde se refugiam muitas pessoas por se considerarem inferiores aos outros em função de destinos dos quais não puderam escapar pelo seu caráter determinista. Uma vez descobertos em desvantagem injusta, a exceções revoltam-se contra a sociedade e esperam dela um reconhecimento revestido, ao menos, de tolerância. O museu traz a ordem das exceções para as páginas da cidade.

Referindo-se à obra de Shakespeare – Ricardo III – considera Freud que os homens são, em menor escala, a imagem deste Duque de Gloucester:

Mas eu, que não fui moldado para jogas nem brincos amorosos, nem feito para cortejar um espelho enamorado. Eu, que rudemente sou marcado, e que não tenho a majestade do amor para me pavonear diante de uma musa furtiva e viciosa, eu, que privado sou da harmoniosa proporção, erro de formação, obra da natureza enganadora, disforme, inacabado, lançado antes de tempo para este mundo que respira, quando muito meio feito e de tal modo imperfeito e tão fora de estação que os cães me ladram quando passo, coxeando, perto deles. Pois eu, neste ocioso e mole tempo de paz, não tenho outro deleite para passar o tempo afora a espiar a minha sombra ao sol e cantar a minha própria deformidade. E assim, já que não posso ser amante que goze estes dias de práticas suaves, estou decidido a ser ruim vilão e odiar os prazeres vazios destes dias. Armei conjuras, tramas perigosas, por entre sonhos, acusações e ébrias profecias (...)
(SHAKESPEARE, [1591?] 2002).



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



É certo que o percurso psicanalítico, diferentemente da ciência positiva, busca a verdade do sujeito e se refere, por isto mesmo, ao próprio sujeito. O discurso jurídico, por sua vez, tenta elucidar uma verdade do fato conforme apresentado na denúncia e, por isto, refere-se a um sujeito submetido à ordem discursiva atestada pelo museu. O lapso da língua, considera Freud ([1906] 1976), não é um acaso, mas um complexo que altera o sentido da fala. Atos sintomáticos ligam-se a um sentido oculto que pode ser trazido à luz graças ao cuidado de quem ouve e que faz o sentido emergir. Estabelece, para este fim, uma analogia entre o segredo do criminoso e o segredo do histérico. O criminoso conhece o segredo e o oculta, ao passo que o histérico oculta-o mas não o conhece. O histérico reprimiu os afetos proibidos de forma que eles não encontram representações claras para si mesmos. Neste aspecto, torna-se importante a diferenciação entre o criminoso e o histérico quanto ao conhecimento ou não do segredo que se lhe imputa como seu. Se retomarmos o discurso histérico, veremos que ele cuestiona o discurso do museu, classificando-o por faltoso e incerto. Quanto a si mesmo, o museu fala a partir do lugar denominado por Lacan ([1969-1970] 1992) como o *discurso do mestre*. Em termos simbólicos, temos:

$$\frac{S_1}{S} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

O discurso do mestre, para se firmar, oculta sua incompletude \$ mas, sobretudo, denuncia o sujeito do discurso histérico, procurando reduzi-lo a uma situação de pouca ou nenhuma importância.

O discurso histérico, por sua vez, provoca uma tensão no discurso do mestre, ao demandar um significante capaz de organizar a inconsistência do sintoma para, posteriormente, demonstrar sua inconsistência. Não por caso, diante dos fenômenos históricos, os médicos demonstram impaciência, considerando as históricas manipuladoras e dissimuladas, negando-lhes toda sua simpatia. Freud afirma que é exatamente neste ponto que se encontra a neurose: frente à exigência de uma situação sexual, a doença aparece como uma fuga possível, onde o sujeito se refugia. Destarte, são os impulsos libidinosos transformados em sintomas que provocam sofrimento mas que, em termos econômicos, são preferíveis à realização da sexualidade impossível. Metaforicamente, a libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado e, em razão disto, ela passa a preencher os canais laterais que, certamente, teriam permanecido vazios (FREUD [1905]



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



1976). As chamadas *históricas de Freud* tornaram-se famosas no campo dos estudos psicanalíticos por apresentarem-se à sociedade como *corpo em gozo*, contrárias às normas e costumes, *ridendo, castigat mores*. *Fraülein Anna O.*, *Frau Emmy Von N.*, *Miss Luci R.*, *Katharina -----*, *Fraülein Elisabeth Von R.* apontaram para a fragilidade da ciência, enquanto abriam a possibilidade para a instauração de uma clínica voltada para as manifestação inconscientes. De forma análoga, também no campo discursivo a histórica deseja um mestre (LACAN, [1969-1970] 1992), mas está pronta a destituí-lo caso ele sucumba às seduções de seu sintoma. O discurso de mestria precisa, pois, manter reprimido o sujeito desejante (\$), histórico, ao demonstrar as falhas inerentes a qualquer processo discursivo. Não sem razão, a cultura funciona como este *estranho ameaçador* que se apresenta ao ego sempre que ele se coloca em busca de um prazer contínuo e ininterrupto. É a *civitas*, portanto, a propiciadora dos sintomas históricos, pois que apresenta seus limites à realização dos desejos.

Ao dizermos sobre uma certa historicização do discurso, referimo-nos a este interesse do discurso histórico em desvendar segredos, provocando implicaturas que possam erotizá-los, desejando que fracassem. Para se firmar enquanto verdade, o discurso do mestre não pode permitir a realização deste discurso e, por isto, o recalca:

$$\frac{S_1}{\$}$$

O matema lacaniano demonstra S_1 como o *significante mestre*, organizador do discurso e da *cadeia de significantes* e, \$, como o *sujeito barrado*, incompleto, desejante, histórico.

Desta forma, ao desqualificar o discurso histórico, o mestre tem maior liberdade e se mostra, das mesmas margens, impondo um sentido que até então não se revelara.

Não são antagônicos. Antes: complementam-se, sustentam-se o discurso da histeria e o discurso do mestre na teoria lacaniana. Dizemos que o primeiro aponta as fragilidades das margens e o segundo penetra por elas, construindo uma significação da cidade e demonstram que não há, na verdade, um discurso que se sustente sozinho por tempo demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



ABBAGNANO, Nicola. "Imperativo". In: *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. p.545. Título original: *Dizionario di Filosofia*.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. pp.119-144. Título original: *Images de soi dans le discours*.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado das Letras, 2007. 247 p.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. 130 p. Título original: *Mal d'Archive*.

FAGUNDES, Valda de Oliveira. *A espada de Dâmoques da Justiça: o discurso no júri*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2001. 132 p.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* [1905]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.121-252). Título original: *Drei Abhandlungen zur Sexual Theorie*.

FREUD, Sigmund. *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos* [1906]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.99-15). Título original: *Tatbestandsdiagnostik und Psychoanalyse*.

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de Psicanálise* [1910]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.1-51. Título original: *Über (James Strachey) Psychoanalyse*.

FREUD, Sigmund. *Repressão* [1915]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.163-182. Título original: *Die Verdrängung*.

FREUD, Sigmund. *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* [1916]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.349-377. Título original: *Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit*.

FREUD, Sigmund. *O "estranho"* [1919]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.271- 318. Título original: *Das Unheimliche*.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização* [1930]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.73-171. Título original: *Das Unbehagen in der Kultur*.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



FREUD, Sigmund. *Por que a guerra?* [1933]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp.235-259. Título original: *Warum Krieg?*.

L'ORDRE DE LA VISITATION DE SAINTE MARIE. *Vie de Sainte Marguerite-Marie Alacoque*. Le Monastère de Paray-le-Monial. Paris : Ancienne Librairie Poussielgue J. de Gigord, éditeur, 1923. Disponível em: <http://www.abbaye-saint-benoit.ch/saints/margueritemarie/index.htm#_Toc7513987>. Acesso em: 01-02-2011.

LACAN, Jacques. *O avesso da psicanálise*. O seminário. Livro 17 [1969-1970]. Versão brasileira de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. 209 p. Título original: *Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre XVII: L'envers de la psychanalyse*.

LE MONDE. *Ségolène Royal demande "pardon" pour le "discours de Dakar" de Nicolas Sarkozy*. Edição de 06-04-2009. Disponível em : <http://www.lemonde.fr/politique/article/2009/04/06/segolene-royal-demande-pardon-pour-le-discours-de-dakar-de-nicolas-sarkozy_1177536_823448.html>. Acesso em: 25-01-2011.

OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 224 p.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 272 p. Título original: *La part obscure de nous-mêmes (une histoire des pervers)*.